

EJIWAJEGI: A ARTE DOS CAVALEIROS KADIWÉU²⁷³

Messias Basques
messias.basques@gmail.com
CNPq
PPGAS-UFRJ
Doutorando

Resumo: Este trabalho pretende apresentar um esboço da história e dos modos pelos quais se desenvolveu a relação dos Kadiwéu com os cavalos, a partir de dois aspectos: 1) A introdução de animais exógenos na região do Chaco por intermédio de espanhóis e missionários jesuítas, com destaque para a adoção de cavalos pelos guerreiros Mbayá-Guaikuru; 2) As marcas de propriedade inscritas no couro desses animais pelos Kadiwéu, as quais seriam uma variante de seu grafismo, expresso tanto em seus corpos quanto na ornamentação de sua cerâmica. Este esboço tem o objetivo de visitar esses temas em diálogo com as descrições de Guido Boggiani e com as intuições etnográficas de Claude Lévi-Strauss.

Palavras-chave: arte kadiwéu; cavalos; grafismo

INTRODUÇÃO

Depois de Deus, [os espanhóis] devem a vitória aos cavalos.

R. Graham, *The horses of the Conquest*, 1949, p. 11

Os povos indígenas do Chaco são comumente descritos a partir da oposição entre os que se tornaram equestres e aqueles que, não obstante a eventual adoção do cavalo, permaneceram “a pé”.²⁷⁴ Os primeiros corresponderiam aos Abipones, Mocovi, Toba-Pilaga, Guaikuru-Mbayá, Calchaqui e Mataco-Inimacá), enquanto os representantes destes últimos seriam os demais grupos Mataco, os Vilela, Lule, Mascoi, Zamuco, Malbalá e Guaná. O Chaco consiste em uma região que se estende da Serra da Bodoquena e da margem esquerda do Rio Paraguai, no Brasil, até a margem direita deste rio e do Paraná. Trata-se de uma das principais regiões geográficas da América do Sul, com aproximadamente 1.280.000 quilômetros quadrados e que abrange partes dos territórios de Bolívia, Argentina, Paraguai e

²⁷³ Este artigo é parte de uma pesquisa de doutorado em desenvolvimento e que se encontra em estágio embrionário. Trata-se, aqui, de realizar um breve exercício de leitura das fontes disponíveis acerca do povo indígena Kadiwéu, com destaque para o grafismo e seus agenciamentos com os cavalos.

²⁷⁴ Cf. Mitchell, 2015. Júlio Cezar Melatti (2011, p.1) retrata esses povos como “cavaleiros”, “canoeiros” ou “agricultores”. Schindler (1985, p. 451) chega a sugerir a existência de um “complexo do cavalo” no Chaco.

Brasil. A palavra Chaco deriva do Quechua *chaku*, que significa “grande território de caça” (Mitchell, 2015, p.15).

De acordo com as fontes históricas, a introdução do cavalo (*Equus caballus*) no continente americano foi iniciada pelos espanhóis na região que hoje corresponde ao Haiti e à República Dominicana, antigas possessões conhecidas pelo nome de La Española. Logo na segunda expedição de Cristóvão Colombo, realizada no ano de 1493, seus navios vieram carregados de éguas, garanhões e animais de criação, além de sementes e grãos. Guglielmo Coma, um nobre que acompanhava a expedição, relatou a visita de um chefe indígena a uma das embarcações e o seu assombro diante dos cavalos recém-chegados. O cacique e o seu povo suspeitavam que esses animais eram alimentados com carne humana (Johnson, 1943, p. 590).

O clima, a abundância de pastos e a relativa ausência de animais predatórios foram alguns dos fatores responsáveis pela reprodução bem-sucedida dos cavalos espanhóis no Novo Mundo. Porém, o penoso transporte ultramarino também resultava na morte de inúmeros animais, o que se pode notar pelo nome dado ao Golfo das Éguas ou às zonas atmosféricas de alta pressão situadas nos dois lados do Equador, onde os marinheiros se viam muitas vezes obrigados a lançar ao mar os cavalos, a fim de economizar água potável, enquanto atravessavam lentamente as temidas “Latitudes dos Cavalos”. O Padre Ricardo Cappa estimou as perdas em cerca de um terço do total dos cavalos transportados, enquanto o conquistador espanhol Álvaro Núñez Cabeza de Vaca, precursor na exploração do Rio Paraguai, teria aportado na região do Chaco com apenas 26 dos 40 cavalos que trazia consigo (idem, p. 597-98).

Cuba, La Española, Jamaica e Porto Rico forneceram os cavalos utilizados na conquista de boa parte das Américas. A difusão desses animais na América do Sul é atribuída às expedições militares e às missões da Companhia de Jesus, iniciadas no Chile por Pedro de Valdivia, no ano de 1541.²⁷⁵ Cerca de 300 a 400 éguas teriam sido levadas com o objetivo de consolidar a reprodução de cavalos na região, favorecendo assim o transporte de cargas, a

²⁷⁵ “O cavalo europeu (*Equus caballus*) era desconhecido na época pré-Colombiana (...), cavalos de outras espécies extintas eram conhecidas dos primitivos aborígenes, mas não foram domesticados, ao que se saiba” (Gilmore, 1987, p. 230).

agricultura incipiente e, sobretudo, a subjugação de povos indígenas. Nas palavras do historiador Alfred Crosby (2002), o mesmo “imperialismo ecológico” foi instituído na América portuguesa por intermédio da “domesticação do ambiente natural” e de sua transformação, a fim de recriar o cotidiano e as atividades de cultivo portuguesas nos territórios conquistados. Contudo, se os cavalos foram parte fundamental da conquista espanhola nas Américas, de La Guajira, no México, ao Chaco sul-americano, também se deve reconhecer que a aquisição de cavalos por alguns dos povos indígenas nesta região lhes permitiu uma notável resistência e inúmeros ataques bem-sucedidos contra os invasores espanhóis e portugueses.

Raymond Gilmore (1987) propõe que algumas hordas de cavalos europeus introduzidas na América no século XVI se reproduziram de modo extensivo e não-controlado, tornando-se selvagens. Os Guaikuru teriam se aproveitado desses cavalos soltos e os domesticaram. Em contrapartida, Peter Mitchell (2015, p.15) e outros pesquisadores²⁷⁶ atribuem a aquisição de cavalos pelos Kadiwéu²⁷⁷ aos assaltos por eles praticados contra as colônias espanholas, na segunda metade do século XVI. Também se encontra a informação de que, durante a batalha de Cabeza de Vaca contra os Guaikuru, os índios demonstraram nunca terem vistos cavalos e expressaram medo deles (Cabeza de Vaca, 1555:198-199). Muitos missionários e viajantes registraram a criação de gado e de galinhas igualmente tomadas em ataques aos espanhóis, embora os indígenas raramente consumissem o leite e das galinhas, apenas os ovos.

Helmut Schindler (1985, p. 454), pioneiro ao oferecer uma investigação sistemática das fontes documentais, da procedência e características do cavalo difundido no Chaco, destaca as inovações nas táticas de caça e de guerra, bem como nos equipamentos materiais (arreamento, armas e artefatos) em face do suposto “ethos” guerreiro dos “índios cavaleiros”.²⁷⁸ Alfred Métraux (1963) já havia indicado que as tribos chaquenhas que se

²⁷⁶ Cf. Schindler, 1985, p. 454-57.

²⁷⁷ Os cavalos são chamados de *apolicaganaga*, em kadiwéu.

²⁷⁸ “O homem e o animal entram em uma nova relação, um não muda menos do que o outro, o campo de batalha se preenche de um novo tipo de afetos. (...) Um agenciamento não é jamais tecnológico, é até mesmo o contrário. As ferramentas pressupõem sempre uma máquina, e a máquina é sempre social antes de ser técnica. Há sempre

tomaram equestres apresentaram um gradativo incremento de sua estratificação, embora Helmut Schindler ressalte que a crescente hierarquização, sobretudo entre as tribos Guaicuru, se deve à introdução do regime de servidão dos povos tornados cativos, que teria sido adotado segundo os moldes da escravidão praticada pelos europeus. Herbert Baldus (1975) endossa essa afirmação e sugere que as transformações provocadas pela chegada dos cavalos repercutiram na ampliação dos espaços percorridos e na intensificação das práticas de rapto de crianças e adultos, o que culminaria pouco a pouco na incorporação de indivíduos estrangeiros na organização social dos grupos Guaikuru-Mbayá.²⁷⁹ Porém, “a questão sobre quando os Guaikuru adotaram o cavalo ainda é um problema a ser resolvido” (Herberts, 1998, p.196)²⁸⁰.



Figura 1: *Chefe Guaicuru [ao centro] é atendido por um cativo.*

Jean Baptiste Debret, 1839.

uma máquina social que seleciona ou assimila os elementos técnicos empregados.” (Deleuze & Parnet, 1998, p. 57)

²⁷⁹ Segundo Renato Sztutman (2005, p. 285), “em termos de organização hierárquica, os chaquenhos se distanciam consideravelmente dos grupos tupi-guarani antigos. Entre os Abipones, Guaicurus e Nivacle havia grupos de guerreiros nomeados, que passavam a pertencer, ainda que pelo mérito e não por herança, a uma ordem cuja superioridade era socialmente aceita. Essa ‘nobreza’ era uma ‘espécie de cavalaria cujo prestígio repercutia sobre a sociedade inteira: a tribo tem orgulho de seus guerreiros. Ganhar o nome de guerreiro é conquistar um título de nobreza’.”

²⁸⁰ Há uma fonte que afirma que a introdução do cavalo entre os Kadiwéu ocorreu a partir de um roubo à missão jesuítica de Ypané, em 1672 (Félix de Azara, 1904, p. 125).

Se não há consenso quanto ao contexto que antecedeu à introdução do cavalo, pode-se dizer que as suas consequências costumam ser descritas em termos similares: “Entre os povos da Patagônia, dos Pampas e do Chaco, os bandos aumentaram notavelmente desde a adoção dos cavalos” (Steward, 1949, p. 675); “O cavalo transformou radicalmente a civilização dos Mbaya-Kadiueo e dos Abipones” (Radin, 1942, p. 168); “A adoção do cavalo pelos grupos Guaicuru revolucionou completamente a sua economia e a sua vida social e política” (Métraux, 1946, p. 202); “[a aquisição do cavalo] desencadeou uma verdadeira revolução tecnológica entre os chaquenhos” (Schaden, 1976, p. 61). Ronald Gregson (1969, p. 44) e Kalervo Oberg (1955, p. 476) são duas das raras vozes dissonantes em relação a ênfase conferida à adoção dos cavalos por parte dos demais estudiosos do Chaco, pois a adoção de outros animais exógenos, como as ovelhas, os cachorros, o gado, os porcos e as galinhas tem sido constantemente ignorada, sobretudo na área da etnologia indígena. A literatura é marcada pela ausência de pesquisas etnográficas a respeito da familiarização de outros animais selvagens ou exógenos e da eventual ocorrência de xerimbabos²⁸¹ entre os Kadiwéu. O pouco que sabemos provém dos registros feitos por cronistas e missionários no século XIX, conforme se pode apreender na *Corografia Brasileira* de Padre Manuel Aires de Casal:

[Criavam] todas as espécies de aves e quadrúpedes domésticos oriundos da Europa, e alguns do continente, com excessivo cuidado; razão por que todos são muito mansos. Como desprezam absolutamente a agricultura, e o forte do seu alimento é carne, nenhuma espécie é assaz numerosa, à exceção dos cavalos, porque não os comem. Os porcos são os menos, e muito poucos por não terem com que os manter. (Casal, 1817, p. 129-130).

No início das incursões espanholas, os povos da família linguística Guaikuru dominavam a região do Chaco: Abipones e Mocovi no sul, entre os rios Salado e Bermejo; Toba e Pilaga, na fronteira da Argentina com a Bolívia; e os Mbayá, ao norte, além do rio Pilcomayo e em ambos os lados do Paraguai. Fernando Santos-Granero (2009, p. 92) destaca que os Guaikuru eram, indubitavelmente, os ameríndios mais dominantes na porção sul do

²⁸¹ O termo “xerimbabo” designa os animais selvagens familiarizados e mantidos como animais de criação, seguindo o uso corrente na etnologia indígena.

Rio Paraguai, à época do contato. Entretanto, a partir de 1720, quando os fazendeiros espanhóis obtiveram direitos de propriedade sobre o gado, cavalos e outros animais, passando a protegê-los com o emprego de armas de fogo, a caça e os assaltos praticados pelos Kadiwéu foram fortemente reprimidos.

Firmados os acordos de paz com espanhóis (1779) e portugueses (1791) e com o término da Guerra do Paraguai (1864-1870), Guido Boggiani (1892) esteve entre os *Ejiwajegi*²⁸² e descreveu que eles possuíam, além de cavalos, gado, galináceos, cachorros em grande quantidade e alguns patos. Os cachorros eram utilizados na perseguição dos animais de caça, enquanto os bois serviam para o consumo, para o transporte e a montaria. Por ora, não é possível afirmar se a tese de que “o que se cria não se come” (Velden, 2010; Erikson, 2012), tão recorrente na etnologia amazonista, aplica-se ou não ao caso Kadiwéu. De todos os animais exógenos familiarizados, apenas os cavalos, os cachorros e as galinhas²⁸³ não são concebidos como aquilo que se pode comer, embora nada tenha sido publicado acerca dos cuidados dispensados a esses animais no cotidiano das aldeias kadiwéu.

A ARTE DOS CAVALEIROS KADIWÉU

Uma vez os Kaduweo roubaram um cavalo. Eles não sabiam qual era a sua utilidade e não estavam satisfeitos com ele. Para que serve este monstro? *Ibis* ouviu e disse aquilo ao *Ninigo* (filho de *Gô-noêno-hôdi*). Este pegou um fruta de jenipapo e fez tinta. Pintou sobre a lua um homem montado num cavalo. O retrato não saiu muito bom, porém os Kaduweo o viram e o compreenderam. Fizeram uma sela e montaram no cavalo. Desde então, eles tiveram muitos cavalos.

Loukotka, 1933, p. 260

²⁸² Identificam-se como *Ejiwajegi*, *Eyigua-yegi*, segundo Sanchez-Labrador (1910, I: 266-268), como “povo da palmeira *Eyigua*”. Segundo José da Silva (2004, p. 41), “os diversos etnônimos dos subgrupos Guaikuru derivavam de alguma característica de seu habitat: *Getiadegodi* (povo da montanha), *Apacaxodegodegi* (povo da região das emas) e os *Cadigegodi* (povo da região do rio Cadigigi)”, de onde deriva o termo Kadiwéu, uma corruptela deste etnônimo, de acordo com Darcy Ribeiro.

²⁸³ Atualmente, a carne de frango é consumida apenas quando adquirida congelada. As galinhas mantidas nas aldeias não servem de alimento, embora os Kadiwéu apreciem os seus ovos. Cf. Lecznieski, 2005.

O interesse dos “brancos” pelas artes dos kadiwéu não é novo e podemos sugerir que remonta à clássica representação dos cavaleiros Guaikuru por Jean-Baptiste Debret, de 1839. Todavia, desde a publicação de *Os Caduveo* de Guido Boggiani (1894) e dos escritos de Claude Lévi-Strauss (1942, 1944-45, 1955) sobre o grafismo Kadiwéu, nenhuma pesquisa etnográfica foi realizada com o objetivo de revisitar as instigantes descrições oferecidas pelo artista italiano e tampouco as intuições etnográficas sugeridas pelo antropólogo francês. A pergunta “para que serve a arte cadiueu?” (Lévi-Strauss 2000 [1955], p. 183) ainda não ensejou uma etnografia das transformações do desenho entre os Kadiwéu, tema este que só aparece de modo indireto na historiografia e nos estudos antropológicos a eles dedicados. Apesar disso, se é verdade que o problema ainda não foi revisitado com a devida atenção, também é fato que após os escritos de Claude Lévi-Strauss e do impacto causado pelo colecionismo etnográfico nos séculos XIX e XX, os Kadiwéu foram alçados à condição de exímios artistas devido à exposição de seu grafismo e de sua cerâmica, especialmente em Roma e no *Musée de l’Homme*, em Paris.

Figura 2: *Carga de Cavalaria Guaicuru*. Jean Baptiste Debret, 1839.

Este pequeno exercício de leitura compõe parte do estudo (em desenvolvimento) de uma das artes Kadiwéu menos exploradas, a saber: as marcas outrora inscritas na pele de cativos e dos animais e que podem ser vistas, atualmente, no couro de bois e cavalos. Parte-se aqui das sugestões de Guido Boggiani (1894) e de Claude Lévi-Strauss & Nicole Belmont

(1963), entre outros,²⁸⁴ segundo os quais essas inscrições corresponderiam a “marcas de propriedade” que precedem a conquista europeia e constituem uma variante do grafismo expresso nas pinturas corporais. Para Claude Lévi-Strauss (1955), a leitura dos relatos de cronistas e missionários apenas reforçou a sua própria impressão acerca da importância do desenho como um operador da passagem entre a natureza e a cultura para os Kadiwéu: “Precisava-se estar pintado para ser homem: quem se mantinha no estágio da natureza não se diferenciava do bruto” (p. 177).

Não obstante o caráter breve de sua expedição, as intuições de Claude Lévi-Strauss acerca dos Kadiwéu ainda hoje constituem referências centrais para as pesquisas que a eles se referem. Três publicações recentes dão prova da influência da proposição levistraussiana: a) Boris Wiseman (2008: 13) defende que “a arte kadiwéu afirma a diferença entre natureza e cultura, enquanto o *readymade* pretende negá-la”; isto é, “a arte kadiwéu é uma forma tradicional de arte que perpetua um estilo relativamente estável e que serve para legitimar uma certa ordem social. Enquanto o *readymade* e sua função mito-poética é colocado à serviço de um propósito crítico”; b) Els Lagrou (2009: 89-90), por sua vez, evoca a sugestão de Lévi-Strauss para fundamentar uma aproximação entre a “função civilizadora do desenho kadiwéu” e a concepção de uma “segunda pele”, tal como encontrada entre os “Kayapó-Xikrin, Kaxinawá e tantos outros, por servir mais como roupa do que como máscara”; c) Peter Mitchell (2015) oferece uma riquíssima descrição das mais diversas formas pelas quais os cavalos foram introduzidos em sociedades indígenas, em meio às grandes navegações e o início do colonialismo. Ao tratar dos Guaikuru, Mitchell também recorre a Lévi-Strauss ao afirmar que a pintura corporal servia para distinguir um grupo em face de outros, além de ser encontrada na forma de “marcas de propriedade” e nos ornamentos da cerâmica desses povos.

Els Lagrou (2013, p. 70) propõe que os Kadiwéu sejam incluídos entre os “povos com desenho”,²⁸⁵ ao lado dos tupi Yudjá (juruna), dos Asurini e Waiãpi. Se em todos os rituais

²⁸⁴ Cf. Ribeiro, 1980, p. 266-268; Schindler, 1985; Mitchell, 2015; Rodrigues do Prado, 1795, p. 24; Koch-Grünberg, 1902, p. 40; Santos-Granero, 2009, p. 122-123;

²⁸⁵ Autodesignação utilizada por alguns grupos pano da Amazônia Ocidental, na fronteira entre o Peru e o Brasil: “Os Kaxinawa, Shipibo-Konibo e Marubo, por exemplo, se autodesignam como *huni keneya*, aqueles que possuem o desenho, e estendem este reconhecimento aos seus vizinhos Piro (*Yine*, de língua arawak)” (Lagrou,

kaxinawa o grafismo é percebido em relação a um suporte, poder-se-ia dizer o mesmo a respeito dos Kadiwéu e dos diferentes suportes de inscrição de seu grafismo: da pintura corporal às marcas inscritas no gado e nos cavalos. Fernando Santos-Granero dedicou dois capítulos de seu livro *Vital Enemies* (2009) a esse tema, retomando a sugestão levistraussiana de que o desenho kadiwéu produz uma “segunda pele”, uma “pele social” (Lévi-Strauss, 2000 [1955]), a fim de retratar o seu uso em “rituais de escravização”: os cativos seriam obrigados a usar cocares feitos com a plumária de emas (*Rhea americana*) e a ter o corpo pintado com carvão.²⁸⁶ Se os nobres Kadiwéu se pintavam com desenhos elaborados, restavam aos seus cativos, homens ou mulheres, a pintura facial e as “marcas de servidão”. Segundo Santos-Granero, estas marcas também eram inscritas em cavalos, cachorros e no gado, bem como em artefatos como pentes, cachimbos e armas. Guido Boggiani (1894), que viveu alguns anos entre os Kadiwéu, afirma que tais marcas não seriam aleatórias e que cada chefe kadiwéu e suas respectivas esposas teriam as suas próprias “marcas pessoais” (p. 228). A prática de marcar os cativos e os animais não teria sido adotada após o contato com os invasores espanhóis ou portugueses, sendo antes uma variante nativa do grafismo kadiwéu. Boggiani relata que “usam simples barras de ferro de cinco ou seis milímetros de espessura, ligeiramente encurvadas numa das extremidades, e com elas esquentadas ao fogo vão desenhando a mão livre as suas insígnias sobre o couro dos animais” (1894, p. 228-229).

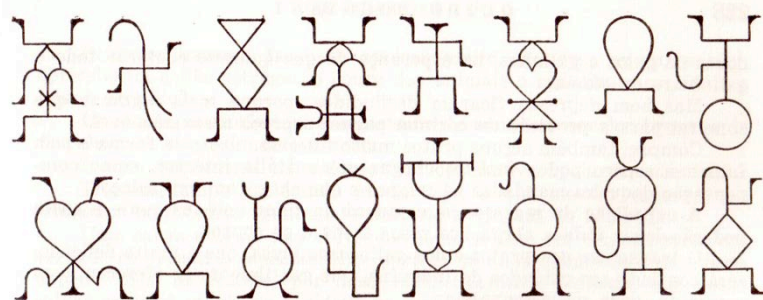


Figura 3: *Marcas pessoais Guaicuru*. Guido Boggiani, [1894] 1975, p. 227

2013, p. 70). Peter Gow (1988) propõe que se possa falar de povos produtores de “sistemas complexos de desenho”.

²⁸⁶ Porém, de acordo com Santos-Granero (2009, p. 192) não há evidências suficientes para determinar se os cativos eram vistos como “pets”.

CONCLUSÃO

Els Lagrou (2013) parece ter indicado uma via fecunda para a análise dos grafismos dos “povos com desenho” ao sugerir que se deve pensá-los como “técnicas de mediação e visualização” dos processos perceptivos de transformação. Isto é, trata-se de retomar as proposições de Franz Boas, Claude Lévi-Strauss e Gregory Bateson, a fim de compreender o grafismo por meio das características globais do estilo e não apenas em suas unidades mínimas de significação. Nesse sentido, um estudo do grafismo kadiwéu exigiria um olhar atento para as suas linhas, motivos, suportes de inscrição e, não menos importante, para a relação entre os estilos de ver e fazer ver e o estilo de pensamento.²⁸⁷

O mito kadiwéu que narra a introdução do cavalo através do desenho feito na Lua por *Ninigo*, filho do demiurgo *Gô-noêno-hôdi*, parece conter uma valiosa instrução etnográfica, pois até o momento permanece insuspeito o fato de que o grafismo kadiwéu não se resume aos ornamentos desenhados pelas mulheres na cerâmica.²⁸⁸ A arte dos cavaleiros kadiwéu, não menos abstrata²⁸⁹ e rica em motivos do que o grafismo feminino, aponta para outros suportes de inscrição e para outras relações implicadas no *socius*. Claude Lévi-Strauss & Nicole Belmont (1963) já haviam sugerido a necessidade de investigar a natureza dos motivos que conduzem as linhas presentes nas marcas inscritas nos animais, compostos basicamente por dois eixos entremeados com círculos, triângulos, losangos e corações, pois haveria um motivo peduncular²⁹⁰ presente em todas as demais variações, que tornaria as marcas kadiwéu

²⁸⁷ De acordo com Els Lagrou (2013, p. 84), “David Guss para os Yekuana e Peter Roe para os Shipibo-Konibo foram os primeiros a notar, no universo dos grafismos ameríndios, uma afinidade entre um estilo de ver e um estilo de pensar”.

²⁸⁸ Veja-se o título de uma coletânea recente, organizada pelo historiador Giovani José da Silva (2011, 2014): *Kadiwéu – Senhoras da arte, Senhoras da Guerra*.

²⁸⁹ Emprega-se aqui o termo “abstrato” na acepção desenvolvida por Els Lagrou (2013), mas também em consideração ao seguinte relato de Darcy Ribeiro (1980): “Exatamente neste campo de pintura e gravação comum a homens e mulheres, ocorrem formas que recordam figuras humanas e podem ser tomadas como estilizações. Entretanto, ao indagar dos índios qual era o seu significado e o que representavam, eles as explicavam como simples equivalentes das letras-marcas e surpreendiam-se ao mostrarmos sua semelhança com figuras humanas” (p. 266).

²⁹⁰ Pedúnculo, ou pedicelo, é a estrutura originada da modificação do caule, responsável pela sustentação e condução de seiva para as flores.

muito semelhantes àquelas encontradas entre os Guajiro do noroeste amazônico. Os autores recusavam a ideia de que se tratam de símbolos de propriedade, preferindo pensá-los como transformações de repertórios imagéticos, tais os encontrados na pintura corporal de ambos os povos.

Uma releitura do grafismo kadiwéu não pode prescindir de um investimento etnográfico consistente, que permita situá-lo no cenário mais amplo dos estudos de antropologia da arte, sobretudo em relação às pesquisas desenvolvidas entre os povos indígenas da Amazônia. Seguir a contracorrente dos estudos precedentes implica o redirecionamento do olhar aos demais suportes de inscrição do grafismo kadiwéu, os quais talvez nos informem acerca das relações implicadas entre humanos, não-humanos e animais. É curioso notar que um povo indígena notadamente conhecido por sua relação com o cavalo tenha sido tão amplamente descrito de um ponto de vista demasiadamente humano, a ponto de não ser possível aferir, ao menos por ora, a produtividade de modelos teóricos tais os da “maestria” (Fausto, 2008), assim como os da domesticação e da familiarização ou amansamento (Erikson 1987; Descola 1996, 2002). Os indícios etnográficos coligidos neste pequeno exercício de leitura esboçam a necessidade de um retorno aos Kadiwéu atuais e de todo um campo de pesquisas a serem feitas acerca das transformações das artes e do *socius* desses ilustres cavaleiros.

BIBLIOGRAFIA

- AZARA, Félix de. 1904. Descripción general del Paraguay. Madrid: Alianza Editorial.
- BALDUS, Herbert. 1975. “Introdução”. In: BOGGIANI, Guido (1945). *Os Caduveos*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- _____. 1946. “Introdução”. In: FREUDT, Erich. *Índios de Matto Grosso*. São Paulo: Edições Melhoramentos.
- BOGGIANI, G. [1894] 1945. *Os Caduveos*. Belo Horizonte: Itatiaia.
- CABEZA DE VACA, Alvar Núñez. 1555. Relación y comentarios del Governador Alvar Núñez Cabeza de Vaca. Disponível online: <http://bit.ly/1xVHZWv>

- CASAL, Manuel Aires de. 1817. *Corografia Brasílica ou Relação Historico-Geografica do Reino do Brazil*. Rio de Janeiro: Impressão Regia.
- CROSBY, Alfred. [1986] 2002. *Imperialismo ecológico. A expansão biológica da Europa: 900-1900*. São Paulo: Cia. das Letras.
- DELEUZE, Gilles & PARNET, Claire. 1998. *Diálogos*. São Paulo: Escuta.
- DESCOLA, Philippe. 1996. "Commentaire". In: S.Gruzinski & N.Wachtel (eds.), *Le nouveau monde, mondes nouveaux*. Actes du colloque organisé par le CERMACA-EHESS/CNRS. Paris: Éditions Recherche sur les Civilisations/Éditions de l'École des Hautes Études em Sciences Sociales, pp. 163-167.
- _____. 2002. "Genealogia dos objetos e antropologia da objetivação". *Horizontes Antropológicos*, 8(18): 93-112.
- ERIKSON, Philippe. 1987. "De l'approvisionnement à l'approvisionnement: chasse, alliance et familiarization em Amazonie amérindienne". *Techniques et Cultures*, 9 (n.s.): 105-140.
- _____. 2012. "Animais demais... Os xerimbabos no espaço doméstico matis (Amazonas)". *Anuário Antropológico*, 2: 15-32.
- FAUSTO, Carlos. 2008. "Donos demais: maestria e domínio na Amazônia". *Mana*, 14(2): 329-366.
- GILMORE, Raymond. 1997. "Fauna e etnozoologia da América do Sul tropical". In: B. Ribeiro (org.), *Suma Etnológica Brasileira. Volume I: Etnobiologia*. Belém: Editora Universitária da UFPA, pp. 217-277.
- GOW, Peter. 1988. "Visual compulsion: Design and image in Western Amazonian art". In: *Revindi. Revista indigenista Americana*. Budapeste, p. 19-32.
- GRAHAM, Robert B. 1949. *The horses of the conquest*. Oklahoma: University of Oklahoma Press.
- GREGSON, Ronald. E. 1969. The influence of the horse on Indian cultures of lowland South America. *Ethnohistory*, 16: 33-50.
- HERBERTS, Ana Lúcia. 1998. *Os Mbayá-Guaicuru: área, assentamento, subsistência e cultura material*. Dissertação de Mestrado em História. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo.

- JOSÉ DA SILVA, Giovani. 2004. *A Construção Física, Social e Simbólica da Reserva Indígena Kadiwéu (1899 – 1984): Memória, Identidade e História*. Dissertação de Mestrado em História, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Dourados, Mato Grosso do Sul.
- _____. 2011. (Org.) *Kadiwéu: Senhoras da Arte, Senhores da Guerra*. Curitiba: Editora CRV, vol. 1.
- _____. 2014. (Org.) *Kadiwéu: Senhoras da Arte, Senhores da Guerra*. Curitiba: Editora CRV, vol. 2.
- JOHNSON, John J. 1943. “The introduction of the horse into the Western Hemisphere”, In: *The Hispanic American Historical Review*, vol. XXIII, Nov., n.4, pp. 587-610.
- KOCH-GRÜNBERG, Theodor. 1902. “Die Guaikurústämme”. *Globus*, LXXXI, 1-7, 39-46, 69-78.
- LAGROU, Els. 2013. “Podem os grafismos ameríndios ser considerados quimeras abstratas? Uma reflexão sobre a arte indígena”, in: *Quimeras em diálogo: grafismo e figuração nas artes indígenas*. Rio de Janeiro: Letras.
- _____. 2009. *Arte indígena no Brasil: agência, alteridade e relação*. Belo Horizonte: C/Arte.
- LECZNIESKI, Lisiane Koller. 2005. *Estranhos laços: predação e cuidado entre os Kadiwéu*. Tese de doutorado em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- LÉVI-STRAUSS, C. [1955] 2000. *Tristes Trópicos*. São Paulo: Cia. das Letras.
- _____. [1958] 2008. *Antropologia Estrutural*. São Paulo: Cosac Naify.
- _____. 1994. *Saudades do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras.
- _____. [1942] 2008. “Indian cosmetics”, in IMBERT, C. *Lévi-Strauss, le passage du nord-ouest*. Paris, L’Herne, 13-19.
- LÉVI-STRAUSS, C. & BELMONT, N. 1963. “Marques de propriété dans deux tribus sud-américaines”. In: *L’Homme*, tome 3 n°3. pp. 102-108.
- LOUKOTKA, Čestmír. 1933. “Nouvelle contribution à l’étude de la vie et du langage des Kaduveo”. In: *Journal de la Société des Américanistes*. Tome 25 n°2, 1933. pp. 251-277.

- MELATTI, Júlio Cezar. 2011. “Chaco”. Disponível online: <http://bit.ly/1v6Vj6N>, acesso em: 17/11/2014.
- MÉTRAUX, A. 1946. Indians of the Gran Chaco. In: *The Handbook of South American Indians Volume 1: The Marginal Tribes*, ed. J.H. Steward, 197-370. Washington: Smithsonian Institution.
- MÉTRAUX, Alfred. 1963. “Ethnography of the Chaco”. In: STEWARD, Julian H. *Handbook of South American Indians*. New York: Cooper Square Publishers.
- MITCHELL, Peter. 2015 (no prelo). *Horse nations: The Worldwide Impact of the Horse on Indigenous Societies Post-1492*. Oxford: Oxford University Press.
- OBERG, Kalervo. *The Terena and the Caduveo of Southern Mato Grosso, Brazil*. Washington: US Govt. Print Off, 1949.
- PECHINCHA, Mônica. 1994. *Histórias de Admirar. Mito, Rito e História Kadiwéu*. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, Universidade de Brasília.
- PETSCHELIES, Erik. 2013. *O carcará e o Cristo: transformação Kadiwéu*. Dissertação de mestrado em antropologia social, UNICAMP.
- RADIN, Paul. 1942. *Indians of South America*. New York: Doran and Company.
- RODRIGUES DO PRADO, Francisco. [1795] 1839. “História dos índios cavalleiros ou da nação Guaycurú”. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil*, vol. 1, p. 25-57.
- RIBEIRO, Darcy. 1980. *Kadiwéu: ensaios etnológicos sobre o saber, o azar e a beleza*. Petrópolis: Editora Vozes.
- SÁNCHEZ LABRADOR, J. (1910). *El Paraguay Católico*. Buenos Aires: Coni.
- SANTOS-GRANERO, Fernando. 2009. *Slavery, Predation and the Amerindian Political Economy of Life*. Austin: University of Texas Press.
- SCHADEN, Egon. *Leituras de Etnologia brasileira*. São Paulo: Editora Nacional, 1976.
- SCHINDLER, H. 1985. “Equestrian and Non-equestrian Indians of the Gran Chaco during the Colonial Period”, *Indiana*, 10, pp. 451-64.
- SIQUEIRA JR., Jaime. 1992. *Arte e Técnicas Kadiwéu*. São Paulo: SMC.

_____. 1993. “Esse Campo custou o sangue dos nossos Avós“ – A construção do tempo e espaço Kadiwéu. Dissertação de mestrado em Antropologia Social, Universidade Estadual de São Paulo, São Paulo.

STEWART, Julian H. 1949. “South American cultures: an interpretative summary”, in: *Bulletin of the Bureau of American Ethnology*, n.143, vol. 5, pp. 669-772.

SZTUTMAN, Renato. 2005. *O profeta e o principal: a ação política ameríndia e seus personagens*. Tese de doutorado em Antropologia Social, FFLCH, USP.

VELDEN, Felipe Ferreira Vander. 2010. *Inquietas companhias: sobre os animais de criação entre os Karitiana*. Tese de Doutorado em Antropologia Social, Universidade Estadual de Campinas.

WISEMAN, B. 2008. “Lévi-Strauss, Caduveo body painting and the Readymade: thinking borderlines”, *Insights* – Institute of Advanced Study/Durham University, v.1, n.1, p.1-22.